2.º anno | Lisboa, 10 de agosto de 1885 | Numero 4

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (Beldemonio); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

AS EGREJAS DO CARMO E TERCEIROS NO PORTO

CHRONICA

Vamos atravessando uma quadra extraordinaria, uma d'essas epocas damninhas, em que Deus Nosso Senhor, para provar que existe, se compraz em espalhar pela redondeza os raios da sua colera.

—Nunca se vio uma coisa assim! -dizem os velhos, boquiabertos, confrontando as calamidades de hoje com as desgraças de outras eras remotas. Antigamente, só de longe em longe se registrava uma hecatombe, annunciada pela apparição de qualquer cometa sinistro. E fallava-se muito no caso; e a humanidade ficava espantada e absorta; e chegava-se mesmo a estranhar que a Providencia tivesse o capricho estravagante de enviar ao mundo uma peste negre ou os horrores d'uma febre amarella. Parece que as iras celestes tinham suas duvidas em se desencadear sobre as cabeças humanas. Vinham uma vez ou outra, mas sempre a medo, e só appareciam de novo no theatro mundano, quando ninguem já se lembrava da sua ultima apparição.

Uns felizes, os nossos avós!

Hoje não succede outro tanto. Com a mudança dos tempos, veio a mudança dos costumes e dos acontecimentos. As calamidades publicas já não são um caso esporadico: repetem-se como as primaveras e as invernias; reproduzem-se como as plantas; assentam-se quotidianamente comnosco á meza; deitam-se ao nosso lado, sob os mesmos lençoes; constituem um artigo obrigado do programma da nossa existencia.

Novos ainda, temos mais que contar que a geração que nos precedeu. Nascidos no meiado d'este seculo mofino, o nosso espirito photographou já milhares de successos assombrosos, cuja narrativa daria para volumes sem conto, se nós quizessemos dar-nos á improba tarefa de os narrar.

Mas não queremos, é claro: que o faça quem nasceu comnosco e quem tiver mais decidido amor pelo genero descriptivo. Dispensando-nos de relatorios estopantes sobre factos passados, restringimo-nos a assignalar os presentes, nos limites estreitissimos da Chronica, e a dizer, com os velhos encanecidos de 1820:

—Nunca se viu uma coisa assim!...

E não.

Estamos envolvidos de microbios por toda a parte. Os quatro cantos do reducto da Parvonia, onde nos entrincheirâramos cautellosamente, acham-se sitiados pelo inimigo terrivel. Cholera em Hespanha, cholera em França, cholera em Inglaterra, uma perfeita invasão do cholera na Europa inteira.

Emquanto os curandeiros do paiz visinho inventam vacinas anti-cholericas, as nossas tropas vão estendendo e encolhendo cordões sanitarios por essa raia fóra, e o governo civil de Lisboa julga ter dito a ultima palavra no campo das medidas preventivas contra a invasão, instituindo um posto medico,—um só,—o flagello salta de Madrid a Marselha com a ligeireza d'um *clown*, mata o nosso consul n'aquella cidade, e parte d'ali para Londres, em viagem de recreio, a cumprimentar o marquez de Salisbury pela sua subida ao poder, e a princeza Beatriz pelo seu recente enlace com o principe de Battemburg.

Depois de ter dado que fazer aos conservadores inglezes; mettido o nariz na *corbeille* nupcial da filha da rainha Victoria, e feito baixar os nossos fundos a 40, na praça londrina,—(já estão a 42 e 1|4!)—o pavoroso microbio, a despeito do hospital-barraca da Avenida, do lazareto de Marvão e das estufas desinfectantes do sr. Silva Pinto, virá, finalmente, cevar-se nas nossas carnes sadias, e saber o que por cá se tem feito durante a sua longa ausencia de quasi trinta annos.

Perdoe-nos o leitor este agoiro, mas tem tão certa a visita do cholera, como eu tenho agora certa, todas as semanas, a falta d'agua do Alviella no contador da Companhia, com grande gaudio do sr. Coelho Pinto, dos cães hydrophobos e dos gallegos do chafariz do Carmo.

Houve tempo em que eu alimentei a melliflua esperança de poder lavar-me e de escapar ao microbio. Hoje, nem essa esperança me resta. O cholera ha-de vir e o contador ha-de andar sempre esvasiado.

Consta ahi que a irmandade de Nossa Senhora da Saude, associada ao clero de Lisboa, tenciona realisar uma procissão de penitencia, para que Deus affaste de nós a epidemia. Se o Supremo Architecto do Universo ouvir os rogos dos penitentes, como o supremo architecto da Companhia das Aguas tem ouvido os meus protestos, estamos servidos.

Na actual conjunctura, e tendo como certa a vinda do cholera, dava mais pelas preces *ad petendam pluviam*. Ao menos, se o Ceu mandasse chuva, teriamos o prazer de morrer lavados, e de não causar asco a S. Pedro, quando chegassemos ar limiar dos mundos paradisiacos...

E o caso é que anda tudo por ahi apavorado, com sonhos maus, pensamentos terrificos, *cauchemars* teimosos e profundos. Não sou só eu que me entristeço e acobardo.

A mocidade ardente da Escola Polytechnica já não vibra os mesmos enthusiasmos juvenis ás tiples da zarzuela no Colyseu. O Justino Soares, sorumbatico e meditativo, já não tem o mesmo sorriso brincalhão para o seu pequenino bando de walsistas incipientes.

Só se topa na rua com quem nos conte coisas tristes e estupendas. Se pegamos em jornaes, o nosso panico augmenta e recrudesce com os horrores da leitura. Tudo nos predispõe para um mal estar afflictivo,—a prosa do mais bello estylista, as redondilhas do mais gracioso poeta, o *salero* da mais gentil andaluza, a visão do nariz do Valentim, as moções da Associação Commercial, e os concursos de belleza no Jardim do Marquez de Ponte de Lima.

Depois, as más novas fervilham. Hoje diz-se que houve casos de cholera em Coimbra; amanhã em Marvão; agora em Elvas; logo em Aldeia Nova. Quando não se inventa isto, segredam-nos tristemente que morreram duas pobres creancinhas n'um incendio; que uma desgraçada se suicidou por questões d'amores; que um homem foi fulminado por congestão no Aterro, e que uma mulher caío morta pelo mesmo mal no Jardim da Polytechnica. Congestões aos pares, desgraças ás duzias.

De resto, uns boatos de crise ministerial, coincidindo com umas noticias espantosas de trovoadas no Porto e no Bem Jesus de Braga, n'aquelle mesmo Porto que é a cidade da Virgem, n'aquella mesma Braga que é patria de tantissimos santos e que se orgulha de ter por governador civil o nobre marquez de Vallada.

Foi isto o que deu a semana finda, uma semana tristissima e negra como um tumulo, ao cabo da qual a gente pergunta espavorida ao visinho do lado, se ainda não morreu e se o ceu ainda não houve por bem desabar-nos em cima.

CASIMIRO DANTAS.

BOCAGE AVALIADO POR BECKFORD

São menos conhecidas do que deviam sel-o em Portugal as admiraveis cartas que o illustre viajante inglez Beckford escreveu a nosso respeito. Foram comtudo muitas vezes publicadas em Lisboa, mas sempre em jornaes ou livros, que ou estavam em decadencia, se eram jornaes, ou tinham poucos leitores, se eram livros.

Publicaram-se em grande parte no jornal francez *Abeille*, que existio em Lisboa, redigido por madame de Andrade, jornal hoje completamente esquecido, e que no seu tempo só teve uma publicidade bastante restricta. Sairam depois no *Panor.ma* precedidas de um excellente prologo escripto por Luiz Augusto Rebello da Silva, e admiravelmente traduzidas pelo cunhado de Herculano-Meira. Suppomos comtudo que Rebello da Silva revia a traducção, porque as cartas que se continuaram a publicar no *Panorama* depois que Rebello da Silva deixou de dirigir o jornal, já não eram traduzidas com o mesmo primor. Finalmente o sr. Bernardes Branco reproduzio-as no seu Diccionario dos escriptores estrangeiros, que escreveram ácerca do nosso paiz. Ninguem decerto espera encontrar n'um livro, que tem a forma lexicographica, uma preciosa collecção de cartas humoristicas.

N'uma das cartas falla Beckford do grande poeta Bocage, e é curioso vêr o modo como o illustradissimo inglez, que estava tanto acima do nivel intellectual do paiz onde viajava, e tanto acima do meio litterario em que viveu, porque Beckford parece adivinhar todos os processos modernos, é curioso vêr como elle aprecia o grande poeta, e como esboça a sua physionomia. Rebello da Silva, que aliás conhecia as cartas de Beckford, como já vimos, parece-nos que se esqueceu de se referir a esse trecho na sua magnifica biographia de Bocage.

Depois de contar uma visita ao convento dos Caetanos, visita em que foi acompanhado pelo seu inseparavel Verdeil, conta o opulento inglez que deixou Verdeil entretido em discussões numismaticas com um dos *caetanos* e que foi dar umas voltas, regressando emfim para sua casa com uns poucos de amigos, que convidou para jantar. Cedamos-lhe agora a palavra:

Verdeil já estava de volta, acompanhado do reverendo antiquario das medalhas,e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos excentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu achar-se n'uma d'aquellas disposições de espirito, de enthusiasmo e de exaltação, que, á similhança do sol no pino do inverno, brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expressões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas quando começou a recitar algumas das suas composições, nas quaes a profundeza do pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade pode diser-se que este caracter extravagante e versatil possue a verdadeira varinha de condão, com que, a seu bel-prazer, anima e petrifica.

Percebendo o quanto me attrahia, disse-me:

—«Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um versejador moço, obscuro e moderno. Vós outros julgais que não temos outro poeta senão Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de memoria senão os *Luziadas*. E tem um soneto que vale metade dos *Luziadas*! Nenhuma imagem de belleza campestre escapou ao nosso divino poeta, que insensivelmente se transporta da paizagem para o coração! Que encantadora melancholia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me aquelle soneto o que sou, mas que sou eu comparativamente com Monteiro! Julgae! continuou elle, entregando-me alguns versos manuscriptos d'este author de quem os portuguezes são vehementes partidarios; posto que façam impressão e sejam sonoros, devo confessar que o soneto de Camões e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e formas da linguagem portugueza para ser juiz competente.»

Tinha plena razão Beckford, e a posteridade confirmou completamente o seu juizo. O poeta a quem Bocage se referia era Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, que teve uma grande reputação no seu tempo, uma d'estas reputações de poeta inedito que não resistem a um raio de publicidade. Domingos Monteiro teve ainda o bom senso de publicar muito poucas coisas, mas essas mesmas que chegou a imprimir confirmam completamente o que acabamos de dizer.

As odes e panegyricos que sairam em sua vida são de uma mediocridade desesperadora, e houve então um desastrado amigo que se lembrou de imprimir, depois da morte do author, um poema sujo, que obtivera grandes applausos, emquanto correra manuscripto, mas que, apenas se imprimio, caio logo no esquecimento.

O que admira comtudo é que Bocage, espirito indisciplinavel, que tinha no seu genio o vago presentimento de um proximo renascimento litterario, mostrasse uma admiração sincera por um poeta da escola de Delille, regrado e classico, incapaz talvez de uma falta grave, mas incapaz tambem de um pensamento elevado e original.

Encontram-se muito estas aberrações nas mais robustas intelligencias. A mesma predilecção, que Bocage mostrou por Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, professou-a Filinto Elysio por Domingos Maximiano Torres. Este, comtudo, valia mais do que Amaral.

D'este enthusiasmo de Filinto por Domingos Maximiano ha uma prova curiosa. Lamartine, o grande poeta Lamartine, quiz, quando era novo, aprender portuguez. Dirigiu-se a Filinto Elysio, que estava em Paris deportado e saudosissimo da patria, e com elle tomou algumas lições. Interessou-o porém muito a situação do poeta portuguez, exilado do seu paiz pela Inquisição, arrastando na capital franceza uma vida miseranda, dando lições de portuguez para comer, porque os seus versos não lhe rendiam o sufficiente. Dedicou-lhe pois uma ode intitulada *A' un poëte exilé*, que inseriu depois no seu precioso volume das *Meditações poeticas*.

Filinto Elysio nas suas obras dignou-se inserir a ode de Lamartine, mas falla d'elle e dos elogios que alli lhe são feitos, com um desdem protector. Trata Lamartine como um rapazito de escola, cujos elogios o lisongeiam mediocremente. «Quanto eu preferiria, diz elle, a todos estes louvores, uma só palavra de animação do meu Alfeno.»

O seu Alfeno era Domingos Maximiano, Alfeno Cynthio na Arcadia. Se não tivesse senão esses elogios de patricio, corria Filinto muito serio perigo de ser completamente ignorado no mundo. A ode de Lamartine foi que lhe deu uma celebridade universal. Assim se enganam os melhores juizes.

N'esta noticia dada por Beckford a respeito de um encontro com Bocage, ha um ponto curioso. Vê-se que Bocage jantou em casa de Beckford com D. Frederico de Sousa, que foi governador da India, e que tivera alli por amante a famosa Manteigui. Que quer isto dizer? Não foi Bocage o auctor do famoso poemeto a *Manteigui*, que tanto indignou D. Frederico, ou estavam n'essa occasião reconciliados?

Pena foi que o grande poeta e Beckford não tivessem tido conhecimento mais intimo! Que influencia exerceria no animo de Bocage o gosto, a fina critica do auctor de *Vothek*? Talvez aquelle garnde poeta, que dormia no genio de Bocage debaixo da triplice frivolidade arcadica, despertasse de vez, e que Byron tivesse tido um antecessor em Portugal.

A data da entrevista de Beckford com Bocage é de novembro de 1787. A carta em que o famoso filho do lord-maire de Londres conta o que transcrevemos, tem a data de 8 d'esse mez.

Bocage tinha então 21 annos, estava na idade em que o espirito, como uma cera molle, recebe facilmente todas as impressões, e o seu genio fogoso, arrebatado, sentir-se-hia attrahir como uma aguia pelas grandes eminencias, pelas sublimidades de alguns d'esses grandes poetas inglezes, que ainda eram n'esse tempo tratados com desdem pela Europa afrancezada, e até pelos proprios classicos inglezes, mas que os espiritos como Beckford comprehendiam e admiravam. Bocage tel-os-hia comprehendido tambem, e talvez o nosso paiz devesse a essas relações entre Bocage e Beckford o ter sido um dos iniciadores do movimento romantico, em vez de ter seguido simplesmente o impulso que lhe veiu de fóra.

PINHEIRO CHAGAS.

CONCHITA

Conchita, d'antes, cantava,
Ao bater das castanholas,
Umas canções hespanholas
Quentes, meu Deus, como a lava!

D'antes, *Conchita*, reinava
Entre as alegres *manolas*;
Choviam fartas esmolas
Quando a *Conchita* cantava.

Depois, lançou-se em orgias.
Passava as noites e os dias
N'uma loucura infinita...

Vi-a hontem. Que desgraça!
Estende a mão a quem passa
E já não canta, a *Conchita*.

JOAQUIM LIMA.

SOROR MARIA DO BAPTISTA [1]

Nas nossas excursões profanas pelos claustros dos extinctos conventos de freiras, topámos com esta, que teve o condão de nos enfeitiçar pela mansidão do seu caracter, e mais prendas com que Deus a dotára.

Foi soror Maria do Baptista auctora de um livrinho intitulado: *Da fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria que n'elle se deram.*

Passa em julgado, como axioma, que o estylo é o homem, e por consequencia a mulher tambem. E' de crer que o auctor do aphorismo não tivesse querido um Deus para si, e um diabo para os outros, excluindo as escriptoras, e n'esta crença, temos o *Livro da fundação do mosteiro do Salvador* como reflexo da muita consciencia com que a freira o escreveu.

Dos livros bem feitos pode dizer-se, como dos retratos parecidos, mesmo quando se não conhecem os originaes que elles reproduzem, que são aquillo que ali está; que não podiam ser outra coisa.

Vão decorridos trezentos e quatro annos depois do fallecimento de soror Maria do Baptista, e para nós é como se ella estivesse ainda viva, como se a vissemos agora mesmo atravessar a crasta do convento do S. Salvador da Matta, amortalhada no seu *desamoravel* burel, como a freira lhe chamava, e toda ella olhos e ouvidos para as suas obrigações conventuaes.

Compraz-se o respeito que devemos á sua memoria em imaginal-a velhinha, mas cuidadosa do seu aceio pessoal, bem pregada, um dos segredos femininos dos tempos que já lá vão; toda perfumada em alfasema, com o seu rosario pendente da cinta, e as contas gastas de lhe repassarem pelos dedos nos devotos e variados exercicios a que se entregava.

Assim a recompômos nós de imaginação, na certeza de que ella não podia ser physicamente de outra maneira. Filha de Luiz Teixeira Lobo, ayo d'el-rei D. João III, e de sua mulher Catharina Leitão, as vaidades que d'estes pequenos nadas do nascimento se tiram, nunca lhe embaciaram a christã virtude da humildade.

Na côrte, e festejadas, andavam então as Sigêas, e a ninhada das polyglotas que cercavam a infanta D. Maria. A filha do ayo de D. João III poderia, se o quizesse emparceirar-se com ellas, ter entrada nos paços da Infanta, deleitar-se sorrindo ás trovas dos fidalgos que tinham a boa manha de poetar, e vir a tratar de perto com a feiticeira que se chamou Paula Vicente. Não o quiz. Preferio ao viver faustoso das suas contemporaneas, o isolamento do claustro, e a nudez da sua desguarnecida cella de freira professa. Um dia, porém, ella que tão pouco de si curava, entendeu que não devia deixar ficar no esquecimento as muitas virtudes e milagres alheios, e resolveu-se a escrever o *Livro da fundação do Mosteiro do Salvador*, antecedendo-o d'estas modestas e conceituosas palavras: «A esperança de coisas grandes desacredita o effeito d'ellas, e o pouco que se espera das pequenas faz estimação do que na verdade a não tem: isto me deu confiança para o intento d'esta humilde obra, porque sabido a ordenei, e conhecidas as faltas que em mim ha, para estas e semelhantes emprezas, até o que n'ella fôr imperfeito, fará muita vantagem ao que se espera.»

Feita esta sincera declaração, que é de quebrar a má vontade da critica, caso haja desalmados que queiram debicar com a nossa chronista, acrescenta ella em tom de desconfiada: «O que se contém n'estes breves capitulos, está justificado com papeis antigos, e authenticos, tirados todos dos nossos cartorios, aonde os descobri com trabalho, ajudando-me de pessoas que me declarassem e traduzissem o que não era da minha profissão.»

Ora, lendo com attenção o livro de Soror Maria do Baptista, pouco, ou nada se encontra n'elle, que não seja da profissão de quem o escreveu.

Agora nos conta em estylo singellissimo como se fundou o mosteiro do Salvador, que substituio o recolhimento das emparedadas, conhecidas pela designação das *beatas da Rainha*; logo mansamente, como convinha ao seu estado, narra a *contenda rija* que o mosteiro teve com o arcebispo de Lisboa D. Martinho, em tempo d'el-rei D. Manuel, pendencia que durou mais de tres annos, e veio a ser resolvida em Roma, no pontificado de Leão X, ficando as freiras do Salvador triumphantes, e com a gloria de Dominicas, *de que tanto hoje nos presâmos*, acrescenta a chronista.

Quem andar avesado a lêr as narrativas apimentadas de Zola e de Flauberg, saber-lhe-há a agua chilra a prosa innocente de Soror Maria do Baptista. Assim é, e não podia deixar de ser. Os assumptos que hoje mais se ageitam ao paladar dos leitores reclamam um estylo estimulante; muito caril, muitas especiarias das Indias. Ao contrario, os livrinhos da indole d'este da freira do Salvador deitam mais para os calmantes das pharmacias, do que para os desenjoativos das mesas lautas. Mas, bem pensado, como poderia deixar de voar terra a terra quem só pobrezas e miserias narra? Como, a não ser em phrase singelissima, poderia a nossa freira contar a visita que a rainha fez ao convento, quando o estrado que lhe concertaram para ella se sentar apenas poude ser um enxergão de palha, coberto com um manto do Alemtejo, *de que a rainha se mostrou muito contente*?

Como, a não ser em phrase desataviada de enfeites, conviria a soror Maria do Baptista transmittir-nos a noticia da grande peste que em 1438 devastou o reino, victimando muitas freiras que, por só de pescado se alimentarem se a epidemia as poupava morriam ethicas, como quem daria hoje com o sangue depauperado pelos muitos jejuns, e grandissimas abstinencias?

As coisas chegaram a ponto, por haver já poucas freiras que *andassem em pé*, que o vigario geral da Ordem, obtida a necessaria dispensa de Roma, permittio que as religiosas comessem carne, por andarem mal dispostas, e fracas.

Avisado andou o vigario, é certo; mas Deus, que póde mais que todos os vigarios juntos, não quiz que as freiras do Salvador infringissem em proveito do corpo, o muito que ás almas lhes aproveitava a abstinencia da carne, a que andavam avesadas. O caso cheira a milagre, mas eil-o ahi vae, por conta de soror Maria do Baptista, que foi quem em letra redonda o divulgou.

Quizeram algumas freiras, das que já andavam com os pés para a cova, obedecer ás ordens dos medicos, que, em vez de boticadas, as forçavam a comer carne, mas qual! Apenas a carne se punha ao lume, eram tantos os vermes a cobril-a, que não havia meio de a fazer ferver! Uns a tirarem-se e outros a nascerem, como por encanto!

«Manifestamente, entenderam todas as freiras, diz a chronista, que Deus as avisava conservassem uma devoção tão antiga, a qual se tinha conservado sempre no mosteiro.»

Nós cremos que se já n'aquella arredada era fossem moda as commissões de inquerito, o comprador do convento não se poderia tirar a limpo da mystificação, que logrou assumir as proporções de um milagre bem evidenciado, para as credulas freiras do convento do Salvador.

Lendo attentamente o livrinho de soror Maria do Baptista, depara-se-nos uma duvida, para nós de certa gravidade. Como é que algumas duzias de mulheres, *que vestiam sobre as costas chagadas tunicas de grossa estamenha*, e viviam ao *deus-dará* (traducção portugueza do *au jour-le-jour*) confiavam, ou desconfiavam, tanto de si, que não havia quem as forçasse a descobrirem os rostos, mesmo para reconhecimento da identidade de suas pessoas?

De tão exagerada pudicicia dá conta a chronista, nos seguintes termos: «Era tamanho o recolhimento d'estas servas de Deus, que se molestavam notavelmente de os tabelliães, quando faziam as escripturas publicas, as obrigarem a descobrir o rosto, para as conhecer; que nem ainda em coisa tão necessaria queriam admittir tão justa dispensação!»

Nós, de principio, deitámos as culpas para os tabelliães, tendo-os na conta de uns grandes maganões, mas uma provisão d'el-rei D. João I, que a chronista teve o cuidado de dar á estampa, lança muita luz sobre tão melindroso caso. Fundado na petição das freiras do Salvador, *que não podiam acabar comsigo a descobrirem o rosto*, o vencedor d'Aljubarrota houve por bem mandar passar a provisão a cuja sombra as freiras se acolhiam agora, para se não destaparem, e que entre outras coisas de grande juizo diz: «*... notades & façades os ditos contractos, & escrituras pubricas, que lhes conpridoiras forem, assim como se as vissedes posto que lhes non vejades os rostos & faces ouvindo sos suas vozes.*»

Ahi fica a razão, porque as freiras não queriam descobrir os rostos deante dos tabelliães. São homens como outros quaesquer, diziam ellas naturalmente entre si, e, pelas duvidas, o mais acertado é não os tentar. Emquanto se lavra um contracto, ou uma escriptura, ha tempo para tudo, e então cumpra-se á risca a provisão de D. João I.

Advogado ex-officio das freiras do Salvador, cumpre-nos dizer que se D. João I lhes salvaguardava o pudor, os seus successores não foram menos solicitos em lhes defender a fazenda, confirmando el-rei D. Duarte todas as graças, previlegios, mercês e liberdades que lhes dera seu pae, entre ellas a de lhes não poderem ser tomados, *nem pão, nem vinho, nem roupa, nem palha, nem lenha, nem gallinhas, nem bestas de cella, nem de albarda!*

El-rei D. Affonso V isemptou-as do pagamento do dizimo das descargas do pescado, fazendo-lhes outras grandes mercês, que vieram a estimular a munificencia de D. João II, libertando-as: *de peitas, fintas, cisas, portagens, de nenhumas coisas que venham suas ás nossas alfandegas.*

Mais sobrio nas acções, mas incomparavelmente mais prodigo no palavriado, D. João III chama-lhes em uma provisão: *muito magnificas e virtuosas senhoras freiras;* formula acrescida á de que usava el-rei D. Manuel, que tambem não fôra de grandes larguezas para o convento, e por isso se desforrara em banalidades officiosas, e de pura cortezia.

Não só no convento do Salvador, como em muitos outros do reino, era de uso rifar, ou tirar á sorte, o santo que a cada freira havia servir de patrono, e intermediario da sua respectiva cliente

[1] Este artigo foi extrahido de um livro inedito intitulado: NO CONVENTO E NO SECULO — PROSADORAS E POETISAS PORTUGUEZAS DESDE O SECULO XV ATÉ AO FIM DO SECULO XVIII.

A VOLTA DA EGREJA

nos negocios espirituaes de maior monta. D'ahi, talvez, a usança popular, que ainda subsiste, degenerada da sua primitiva feição, de tirar á sorte em quinta-feira de comadres, os nomes d'aquelles ou d'aquellas, que ao revez dos patronos do *Flos Sanctorum*, mais vezes, torcendo caminho, nos levam ao inferno, do que nos conduzem direitos aos gozos inefaveis do paraizo.

Das sortes que as freiras do Salvador tiraram em 1569, para apurarem qual devia ser o seu principal patrono, depois de varios processos, e bem confrontadas as listas das votantes, saiu por advogado do mosteiro o Santissimo Sacramento, que preservou as devotas reclusas da peste que então grassava.

Dez capitulos, não menos, do seu livro, consagra soror Maria do Baptista a desobrigar a communidade dos favores recebidos do Ceo, contando muitas e especiaes devoções das freiras com o Santissimo Sacramento, até pôr termo a esta sua escripta, dizendo-nos como foi que no convento do Salvador se fez o primeiro presepio que houve em Portugal, em virtude de uma visão sobrenatural que tivera uma freira, de quem se esqueceu de nos dizer o nome, para o incorporarmos na lista dos modernos inventores nacionaes.

O «*Livro da fundação do mosteiro do Salvador*» como chronica que é das freiras da ordem de S. Domingos, n'elle domiciliadas, fecha, como quasi todo os outros livros da especialidade, com a lista das reclusas que já cá d'este mundo levaram passaporte em regra para a bemaventurança, tão santo fôra o seu viver, e já tão iniciadas se partiram na sciencia, que se não aprende nas escolas, de fazer milagres.

A' parte as preoccupações claustraes de que não temos direito a tomar contas a soror Maria do Baptista, diremos que esta freira tinha um juizo seguro, e que escrevia a nossa lingua com propriedade, é ás vezes até com elegancia. Se ella, que se deixou morrer em 1581, podendo portanto dizer como o Camões, no poema de Garrett:

...................................— «Patria, ao menos juntos morremos...»

houvesse nascido nos nossos dias, é de crêr que depois de bem enfronhada na leitura dos romances francezes, tivesse já a estas horas escripto e publicado grande numero de coisas realistas, sem pedir licença a ninguem para tapar a cara, como as freiras do Salvador requereram, para não serem vistas dos tabelliães do tempo de D. João I.

Hoje, sim! Até os alferes de cavallaria, menos acanhados que os tabelliães, podem, não só vêr os rostos das nossas escriptoras, sem que ellas gritem aqui-d'el-rei!, como coisas ainda muito mais para serem vistas, do que uns olhos negros, e uma bocca rosada.

L. A. PALMEIRIM.

LAGRIMAS DO HAREM

I

O' triste Pan, ó velho solitario,
Não te lamentes mais!
Não penses que a tragedia do Calvario
lançou por terra os deuses ... mortaes

Do calice das rosas matutinas,
diamantes do val,
brotam as deusas, pallidas, franzinas,
envoltas n'um perfume sideral.

Em cada primavera, em cada aurora,
que purpureia o mar,
um novo templo, um novo altar se enflora,
e um novo deus expande-se no ar.

Mesmo nas sombras do soturno inverno,
a noite humida e só,
se reconhece a gestação do Eterno
e os deuses rompem do gelado pó.

Na solidão augusta das florestas,
das folhas no rumor,
Existe um ecco das antigas festas,
e a seiva espalha o seu caudal d'amor.

Os ribeiros, os troncos, as areias,
os limos da maré,
ouvem ainda o côro das sereias.
vêem passar o deus da sua fé.

No mais rude e somenos organismo
murmura a grande voz:
«Não morre, não morreu o paganismo...
na Natureza não ficamos sós!»

Nas tuas proprias lagrimas sombrias,
ó lastimoso Pan,
has de vêr renascer todos os dias
a deusa da tristeza, tua irmã.

Eu conheço uma nova divindade,
filha da onda azul ..
Ouvi-lhe o canto a respirar saudade,
O' sensuaes escravas de Stambul!

O' velho Pan, ó triste solitario,
não te lamentes mais;
acompanha este canto imaginario
na doce flauta a suspirar teus ais!

II

«Eu tinha um palacio d'ouro
no estreito de Dardanellos;
mysteriosos castellos,
onde abriguei meu amor.
Os delfins enamorados
e as sereias côr de prata
vinham dar-me serenata
nas noites de mais calor.

«Em noites de lua cheia
subia á tona dos mares
a ouvir mais perto os cantares
das minhas irmãs do ceu.
E as estrellas pensativas,
doiradas, harmoniosas,
deitavam luzentes rosas
sobre os lirios do meu veu.

«D'entre as folhagens metalicas,
rendadas, luxuriantes,
vinham-me queixas d'amantes,
hymnos de magua sem fim.
Sois vós, ó aves dolentes?
sois vós, rouxinoes trahidos?
ou sois então os gemidos
dos corações de marfim?

«Ramagens da côr do oceano,
flores feitas d'uma aurora,
dizei-me—quem tanto chora?
d'onde é que vêm tantos ais?
O' musical Primavera,
principio alegre da vida,
és tu que jazes ferida
na sombra dos laranjaes?

«Ai! se és tu, ó minha amada,
vae findar toda a belleza;
tem rasão a natureza
de se carpir na viuvez.
Rosas, cahi para sempre
no seu perfumado leito;
ó lua, envolve-lhe o peito
na mais doce pallidez!

«Mas não, as dores que aspiro
na corrente dos perfumes,
são os doridos queixumes
das molles filhas do harem.
Queimaram a virgindade
na plumagem dos turbantes;
são sultanas, são amantes,
mas são escravas tambem.

«Desde então senti no Bosforo
cahir as bagas do pranto,
e o tributo sacrosanto
perdia-se em todo o mar.
E o sultão voluptuoso
no seu harem não sabia
que era eu quem convertia
cada baga em nenufar.

«E cada noite as estrellas
viam nascer fluctuantes
essas rosas soluçantes,
esas lagrimas d'amor.
E o festim continuava,
só o ennuco taciturno
via no goso nocturno
passar as sombras da dor.

«Teci crystallina rede,
n'ella prendi uma a uma
essas rosas como a espuma
reflectindo estrellas mil,
D'esse tapete de flores
fiz eu a ilha onde habito;
meu berço alegre e bemdito,
patria azul de eterno abril.

«E desde então, eu vagueio
pelos mares asiaticos,
e os ceus perguntam-me extaticos:
—ó ilha errante, quem és?
E eu respondo socegada
n'um sorriso de esperança:
—sou a nodoa da vingança
na crença dos Mahomets.»

SOUSA VITERBO.

UM FIDALGO DO TEMPO DE CARLOS I

A FOLHA DE HERA

Foi em uma manhã de outono, em uma perfida manhã em que pairavam no ar as nostalgicas tristezas das almas sedentas de ideal, que aquelle amor profundo, impetuoso e casto como um sonho de virgem se lhe enraizou de subito no coração.

Nunca, nunca elle poderia explicar perante a inflexivel logica do bom senso e a desolante realidade dos cabellos brancos, aquella cega fatalidade do destino que o prostrara, indefeso, aos pés de uma creança inconsciente e desdenhosa!

Certo era, porém, que o universo desapparecera para elle, apagando-se tudo, passado, presente, futuro, concentrando-se todas as actividades do seu cerebro, todas as sensibilidades do seu coração, todas as aspirações da sua vida, n'esse pequeno canto da terra, n'essa modesta praia batida das ondas, encravada nos alcantilados cachopos do mar do norte, onde ella lhe apparecera pela primeira vez, saltitando de pedra em pedra, como um passarito medroso, a cabeça airosa e correcta, uma fina aguarella de Fortuny escondida, quasi, na grande aba pendente de um *paillasson*.

A principio, elle não queria comprehender a origem d'esse mal estranho que o consumia lentamente, sacudindo-lhe os nervos, parisando-lhe a liberdade do pensamento, absorvendo-o em uma idéa fixa, que lhe batia constantemente no cerebro, de noite e de dia, com a impassivel regularidade de um pendulo, reproduzindo-se em vibrações constantes, que se repercutiam no seu perturbado organismo.

Era absurdo, aquillo! Evidentemente, estava doente.

Exquisitices dos temperamentos do sul!

Em lhes faltando o sol,—o rubido e incandescente sol, que os tropicaes arrancariam ao ceo se podessem trocal-o por uma hora de fria nortada,—mettem a cabeça debaixo da aza e deixam-se morrer imbecilmente, como os gallegos devorados pela morrinha... Elle vivera em Londres por espaço de dois annos, depois de ter ido ver nascer o sol ao alto do Rhigi, de ter descido ao Colyseu a passear ao luar, entre os capiteis lascados e as estatuas mutiladas, e de haver-se despedido da mocidade, esgotando em Paris a capitosa taça da loucura, destinada, como a taça do rei de Thule, a ser arremessada ao insondavel vortice do esquecimento.

Os seus pulmões habituaram-se, sem esforço, a nutrirem-se de nevoeiro e carvão de pedra.

Nunca dera ao sol as honras de lhe notar a ausencia: levantava-se ás 2 horas da tarde, dava um passeio hygienico, cavalgando um ginete de raça; ás 4 horas accendia-se o gaz; ás 6 começavam as grandes salas de Londres a deitar luz ás golfadas pelos crystaes concavos dos perystillos, pelos vidros facetados dos lustres, pelas altas janellas debruadas de setim e *guipures*: chegavam as loiras miladyes, fulgindo na sua carnação de nacar e rosa; as misses osseanicas, de cabellos de oiro e olhos transparentes, onde brilha a unica e verdadeira luz digna de allumiar o caminho do homem...

Elle, de casaca, fita encarnada na botoeira, sapato de verniz, consciencia leve como a penna de um cysne, e charuto suspenso da bocca ironica, corria para o ambiente morno, impregnado de *floral hall*, onde havia mulheres divinamente bonitas, como só se encontram em Inglaterra, gentlemans correctamente vestidos, flirtações agradaveis, em que o coração não tomava parte, e jantares dignos de serem comidos no hotel continental.

Bem lhe importava que não houvesse sol e que os leques do gaz, palpitando ao longo das largas ruas cheias de gente, furando aqui e alli o espesso cortinado feito pela bruma, pela lama e pelo fumo, parecessem pequeninos pyrilampos transidos de frio!

Uma vez, em Hyde-Park, encontrou um amigo, um compatriota.

— Gostas de Londres? perguntou.

— E' grande, é sumptuoso; mas não posso habituar-me a estar sempre ás escuras.

— Não entendo! Explica-te.

— Tenho saudades do sol.

—Qual sol?

—O sol da minha terra. E nem ao menos posso consolar-me vendo a lua, a lua de Londres, de que falla o João de Lemos.

—Ah! sim, o sol! Confesso-te que só agora dei por isso. Meu caro, accrescentou, o sol é uma figura de rhetorica de que os povos do sul abusaram.

O norte supprimiu-o e fez muito bem. Tens a nostalgia do sol? O sol é um scelerado. Protege o mosquito e o typho!

Agora, ao sentir-se assim transfigurado, pusillanime, com um desejo insensato de se deixar ficar deitado na crista denticulada das ribas, a olhar para as tumultuosas ondas e para o profundo ceu azul, semeado de flores de luz, nas longas horas silenciosas das transparentes noites de outono, em que o mar soluça os dilacerantes threnos do extremo adeus; agora, aterrado e vacillante, agarrara-se de repente aquella idéa com o desespero dos que procuram a todo o transe uma indispensavel solução.

Sim, devia ser isso, era doença, uma doença produzida por um longo resfriamento.

Mas o escaldar do sangue, as desordenadas pulsações, a febre que lhe latejava nas fontes, os sonhos que desciam nos raios da lua e ondulavam á flor das ondas, lavravam um total desmentido.

Sentia-se poeta, elle, o *viveur* gasto para todas as commoções, saciado de todos os gosos, extenuado de correr atraz dos idolos e de os vêr quebrarem-se-lhe nas mãos.

Era estupida aquella abdicação do seu eu mental.

Aos cincoenta annos, o amor para aquelles a quem a vida se abandonou sem restricções, não é um sentimento, é apenas uma sensação.

E era agora, quasi no fim da viagem, os cabellos a rarearem, o olhar a apagar-se, a vida a fugir, que elle experimentava pela vez primeira, a força omnipotente d'esse eterno amor, divinisado pelos pagãos, purificado pelo Christo e negado pelo seu tôlo scepticismo de Lovelace moderno, educado na corrente scientifica da philosophia materialista. A pobre philosophia, impotente para luctar contra o claro olhar de uma creança!

Ella ria-se d'elle e de tudo. Jogava o croquet, atirava ao alvo, trepava ás montanhas para ir colher as camarinhas e os medronhos; e quando descia, risonha, exhalando de todos os poros a robusta seiva da mocidade, o rubor a afoguear-lhe o oval puro, de uma alvura mate, os grandes olhos pretos velados na sombra das pestanas, a sua figurinha, recortando-se no fundo azul do ceu, tinha a flexivel elegancia e a serpentina graça ondulante de uma nimpha de Clodion.

Oh! Deus! Como poderia elle atrever-se, das sombras do sol posto, a fallar d'amor áquella aurora?

Nunca os botões de rosa vieram abrir nas geleiras.

Um dia, ella a rir, a correr, a saltar, deixou cair no chão uma luva, uma pequenina luva de Suéde sem botões. E foi desde então a essa luva, guardada sofregamente no peito ciliciado ao seu contacto, pungido pelas dilacerantes e mortaes agonias de um amor sem esperança, que o infeliz confiou os dolorosos transes da sua paixão.

Uma tarde, na volta do passeio, assentaram-se todos na areia da praia, macia e velludosa como um tapete.

Tinha chegado n'esse dia um hospede do Porto, um afilhado do pai, um rapaz com algum espirito, maneiras elegantes, olhos pretos e expressivos, bocca vermelha de pagão e narinas sedentas do *odor di femmina*. Conversaram toda a tarde, trocaram olhares, allusões, gargalhadas que rasgavam no coração do apaixonado como o agudo bico de um estylete.

N'essa noute a luva ensopou-se em lagrimas.

«Um velho a chorar d'amor!» pensava elle, embebido na contemplação do mar que chicoteava os penhascos, cobrindo-os de lençoes de espuma.

«Se eu lhe confessasse esta demencia, este amor, tão sublime e tão ridiculo, responder-me-hia com uma gargalhada de escarneo, e é de crer que me chamasse *avô!*»

E cada vez mais se afastavam d'elle, perdidas, esquecidas, mortas no tumulo do passado, as melhores recordações da sua mocidade: Paris, as parisienses, as ceias na *maison d'or*, as manhãs em Meudon, á sombra dos lilazes, e Londres, com as suas opulencias, e a Italia com os seus marmores sagrados, banhados de um luar morno, escorrendo em gottas de luz das folhas das laranjeiras....

Como elle daria, sem hesitar, todas as Phrinés que lhe tinham desfolhado aos pés as rubras flôres do amor livre, todas essas horas de ardente vibração intellectual, todas as maravilhosas surprezas das viagens e todos os preciosos thesouros da experiencia, por uma simples palavra brotada dos frescos e puros labios d'essa creança que passava os dias na praia, a apanhar conchas, e a olhar para as gaivotas que vinham, batendo as azas, grasnando juntas, em revolto bando indisciplinado, mergulhar deleitosamente os vorazes bicos no cardume da sardinha.

E emquanto elle pensava em matar-se por amor d'ella, a tontinha ria perdidamente, correndo atraz das amigas, burrifando-as da agua do mar, ao sair do banho, encharcada, córada como uma romã, os dentinhos brancos resaltando na bocca vermelha e desdenhosa, como dois fios de perolas.

Uma vez, elle, a rir, a tremer, pediu-lhe... uma pestana. No outro dia ella, sem perguntar a origem d'esse extravagante pedido, trouxe-lhe a pestana entalada no indicador e no polegar, dois dedinhos esguios e torneados que pareciam roubados á Venus de Milo.

A' noite, houve baile no Club. O portuense mostrou-se irresistivel: recitou, tocou, teve ditos agudos e galanteios madrigalescos. Ella achava-lhe graça, achava-o chic, e prendia-se sem hesitar nos braços que o portuense lhe estendia para a walsa.

Elle sentia o mudo desespero incomprehendido de uma dôr que ninguem sonha subir-lhe á garganta e estrangular-lh'a, como as roscas de uma serpente...

Pelo meio da noute saiu ao terraço, a desalterar a devoradora sede que lhe queimava as entranhas na infinita e calma mansidão do céo e do mar.

A ardentia fuzilava na crespa ondulação das vagas que vinham arfando, sulcadas de vergões de espuma, morrer lamentosamente na vastidão da praia. O céo azul retinto caia docemnte, descrevendo uma harmoniosa curva na immensidade das aguas, argentadas pelo luar.

Elle encostou-se ao parapeito, mudo, acabrunhado, tendo a

triste vergonha dos seus cabellos brancos, ao sentir cantar no coração a luxuriante primavera do amor.

Confusamente, viu-se no preterito, na indefinida penumbra de um sonho: viu passar a sua alegre e descuidosa mocidade, correndo ao longo de uma luminosa avenida bordada de flores, viu as suas esperanças, o doirado bando das suas illusões, baterem as azas no azul, viu o amor no casamento, a ineffavel felicidade no lar tranquillo, povoado de creancinhas loiras, chilreando como uma doida revoada de passaritos implumes, a que o seu espectro, visivel no sonho, voltara as costas, preferindo-lhe as aventuras faceis com mulheres pintadas que vendem os beijos, sujos de carmim.

E vagamente, sentiu a inflexivel logica do destino n'essa brusca e tardia efflorescencia da sua alma envelhecida. A felicidade que elle deixara soltar-se-lhe dos braços, vingava-se, revelando-se-lhe e fugindo-lhe!

Era justo, mas cumpria arrancar-se á fascinadora tentação para não endoidecer.

E, deliberadamente, heroicamente, resolveu não tornar a vel-a e partir no dia immediato para Londres, ou para a China.

Ella appareceu no terraço,—o luar recortava em alabas ro loiro a sua esbelta cabeça resplendente de mocidade e de formosura,—e docemente chamou-o.

Elle estremeceu e voltou-se, sem ter tempo de esconder as lagrimas.

Então ella arrancou do seio uma folha de hera, o symbolo da eterna constancia, e sem lhe dizer nada, pallida como elle, e como elle commovida, prendeu-lh'a ao peito.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

AS EGREJAS DO CARMO E TERCEIROS NO PORTO

Estão ambas situadas na praça dos Voluntarios da Rainha. A do Carmo pertenceu aos frades carmelitas descalços, que, chegando ao Porto em 1617, ali edificaram, onde hoje está o quartel da guarda municipal, o seu primeiro mosteiro.

A egreja do Carmo é espaçosa, mas de pouco gosto architectonico. A sua primeira pedra foi lançada em 1619.

A egreja dos Terceiros é elegante e rica de lavores. Está contigua á outra, como em Lisboa a dos Terceiros á de Jesus. E' um dos melhores templos do Porto.

A VOLTA DA EGREJA

Woltze, pintando uma scena campezina da Allemanha, pintou uma scena que se reproduz em muitos e variados pontos da Europa. E' questão simplesmente de aspecto da paizagem, do céo, dos typos, do vestuario, porque no mais, a intenção dos personagens, a expressão moral do quadro fica a mesma, quer se refira ao viver do campo na Allemanha, ou ao viver do campo em Portugal.

A volta da egreja poderá significar muito pouco para a maior parte da gente. Para uma rapariga e um rapaz de vinte annos significa muito. Woltze quiz traçar-lhe na physionomia tudo o que elles diriam se podessem abandonar os seus planos e fallar á vontade, sentados no terreno musgoso, á sombra azulada dos lilazes que perfumam a atmosphera, quando os pardaes cantam pelos folhados das laranjeiras. E conseguio. Aquelles dois vultos unidos deviam fallar do Amor. Aqui está a que se reduz a questão.

Ora eu vou-lhes contar o que é *a volta da egreja*. Não lhes fallarei, soceguem, da uma hora no Loreto, quando os caleches desdobram para o asphalto os seus estribos polidos, e uns pés pequeninos surgem por entre o esfervilhar delicado de rendas finas, saltando nervosamente para dentro; mas sim de uma *volta da egreja* na provincia, a que eu uma vez assisti da janella do meu quarto.

Foi ao terminar da missa das onze. Um rapazote perfeito e desempenado, de jaleca á hespanhola e cinta de séda escarlate, seguia uma rapariga bonita, cabellos pretos e olhos mais pretos ainda, filha de camponezes ricos, que tinha, como poucas da terra, um bello grilhão de doze moedas, uma lustrosa capa de panno preto bandada de velludilho, e cinco courellas de terra á borda da estrada real, que lhe deixára a madrinha em testamento.

O rapaz tinha estado na missa, andava ha muito a olhal-a, e a rapariga gostava d'elle a valer. Nunca, porém, tinham chegado *á falla*, por causa da mãe d'ella, que era rabugenta em namoricos de filhas, como as que o são.

Morava n'uma casinha muito caiada, branca como a flôr da laranjeira, com sua parreira muito viçosa á porta e que dava á habitação uma frescura deliciosa de sombras. No telhado os pombos vinham arrulhar com amor, ao esmaecer da tarde, quando o horizonte se purpureia e os ralos começam a zumbir.

Ora a rapariga, no tal domingo, estava deliciosamente bella, com o seu cabello em bandós luzidios sobre a testa baça, e os beiços, rubros como cerejas, esboçando um sorriso candido e dôce. O rapaz seguia-a sempre, mas a distancia respeitosa, por causa da mãe, a quem não faziam o ninho atraz da orelha.

Quando entraram em casa, o rapaz cortou por uma azinhaga, do cimo da qual via a janella da sua querida. Estava um bello sol, um bello ar; muitos cantos de aves pelos pomares verdejando; muitos sussurros de regatos correndo pelas relvas baixas; muitos ruidos sonorosos de chocalhos das ovelhas que se apascentavam pelas encostas. Nos beiraes do telhado os pombos esvoaçavam n'uma indolencia casta; as flôres sorriam nos vasos, e a rapariga, abrindo a janella, atirou ao namorado com um beijo.

Aqui teem o que foi a *volta da egreja* e o que é o quadro de Woltze.

E podem ter a certeza de que—se Deus désse um sopro de vida aos typos do pintor, a rapariga que veem iria á sua janella, onde tambem tem as suas flores; o galan de tricornio, o feliz galan que ali está risonho, por detraz da estacada, tambem teria a paga da sua dedicação, e com certeza havia de haver pombos que viessem arrulhar meigamente para os beiraes vermelhos do telhado.

Esperem que Deus se resolva a animal-os e verão como succede tudo isto!

UM FIDALGO DO TEMPO DE CARLOS I

Foi Van-Dyck quem introduziu na côrte de Carlos I a moda d'aquelle vestuario. Por tal motivo, ainda hoje se lhe chama traje *á Van-Dyck*.

O exemplar da nossa gravura representa bem um typo de fidalgo d'aquella epoca.

A RATOEIRA

Cahiu na ratoeira!

A gravura que temos presente significa uma d'essas decepções terriveis. O que ali está n'aquella clausura era um bom e pobre murganho, activo, laborioso, alegre, e apenas um nadinha destruidor de bugiarias alheias.

Era um gosto vel-o, no uso da sua liberdade traquinas.

Saltitava, contorcia-se, chiava, cabriolando, com a descuidosa jovialidade de quem havia posto dente na mais succulenta casca de um amanteigado queijo flamengo.

O gato andava-lhe com o olho em cima. O ratito era, porém sagaz, desconfiado, vigilante, e, sobre tudo, amigo de sua pessoa N'estas circumstancias viam-n'o sempre andar de pé atraz que nem um piloto.

Com o que elle não contava era com a ratoeira, mas afinal cahio n'ella, apezar de toda a sua esperteza, e vae servir de repasto ao bichano.

Vejam-me com que attenção não está o maroto do felino, á espera de que a velhota lhe dê de barato a presa. Aquillo ha de ser n'um credo. Rato no chão, gato em cima.

E o misero, o engraçado, o buliçoso do bichinho, dirá adeus a este mundo onde só viveu, não direi o que vivem as rosas, para as não offender com o similė; mas o que vivem os da sua especie, quando ha velhas que armam ratoeiras, e gatos que se não lambem com o bofe.

PASSATEMPO INNOCENTE

Está fazendo garatujas na pedra. A irmã segue attentamente os movimentos do lapis, como que desejando ver o que d'ali sahirá.

O cão, que é o guarda da quinta e o amigo fiel das duas creancinhas, recreia-se tambem na contemplação dos desenhos do pequeno, que, assentado n'um degrao de pedra, com os pézinhos mettidos para dentro, está todo entregue áquelle passatempo innocente, em vez de andar a correr pelos campos fóra, fazendo travessuras.

O quadro não pode ser nem mais interessante nem mais singelo.

O ATERRO

Quando os jornaes referiram ha dias, que no Tejo se déra um caso que apavorou toda a gente que ia pelo Aterro — o caso de uma faulha ir, levada pelo vento, cair sobre umas bôrras esverdeadas, que, de companhia com um liquido inflammavel, haviam ficado á tona d'agua depois da semceremonia de sairem de um dos canos de despejo proximo da rampa da Ribeira Nova, formando-se uma enorme labareda que subia á altura de um quinto andar, e uma nuvem de fumo formidanda, esqueceu-lhes dizer que os fragateiros não deram maior consideração áquella novidade, a qual, aliás, metteu *muito povo*, como se diz, no theatro, das peças espectaculosas, e até fez sair a bomba.

A RATOEIBA

Um d'esses fragateiros, todo entregue n'aquelle momento á faina de ensebar o barco, disse, sorrindo:
— Que ha de novo? Temos outra vez o Victorino?
Ninguem entendeu.
E por isso mesmo que ninguem entendeu, é que elle teve de contar as surprezas, as mutações theatraes, magnificas de ousadia, subitas, imprevistas, de José Victorino Damasio. Não é um romance; mas, como dizia o proprio José Victorino: E' melhor!
— Sabem onde é hoje, á Boa Vista, o Instituto Industrial? Esse edificio foi em tempos casa de alfandega, para despacho das madeiras que vinham do Brazil e da India: a rua que se chama agora do Instituto, tinha, então, por legenda: Boqueirão da palha, e para a fachada do lado da Boa Vista: Paço da madeira.
Nas chamadas aguas *de cheio*, ou aguas vivas, era facil vêr entrar pelo boqueirão, que chamam dos Ferreiros, um ou outro barco varino, com carga de melões ou outra; saindo fóra do alinhamento das casas o pau da bujarrona, sem que, mercê do costume, se surprehendessem com isso na fabrica Bachelay, que era sitnada, e ainda o é hoje, á esquina d'aquelle boqueirão:— do lado de traz do Instituto era tudo areal, então; o que se chama um bom areal...
Foi na noute de 23 para 24 de julho de 1858 que se principiou o aterro.
Na tarde do dia 23 compareceram ás tres horas, n'aquelle ponto, a vereação, o engenheiro, o administrador do bairro e o regedor.
Collocaram estacas em frente das testadas de differentes estaleiros, rebatendo assim as pretenções, que elles pareciam arrogar-se, de haverem direitos sobre simplices terrenos municipaes.
Para acabar de vez com questões e conflictos, combinára-se mandar todos os chamados partidos de calceteiros da cidade, calçarem uma parte na testada das propriedades marginaes. Dezeseis homens,— soldados licenciados dos corpos da guarnição, que iam ser empregados nos trabalhos do aterro, — ficaram preparados e armados n'essa noite, com ordem de resistir a quanto désse e viesse, e mandar, n'um pulo, ao Carmo e aos Paulistas, onde as companhias tinham piquetes em armas, se os operarios da companhia do gaz, que era a mais resistente á projectada obra do aterro, tentasse destruir — segundo corria voz de o querer fazer — o lanço de muralha que se construisse. Dizia-se que viriam duzentos homens das fabricas.
A' meia hora depois da meia noite, o mestre geral das calçadas, os trabalhadores e as carroças carregadas de pedras e ferramentas, foram chegando pelo Boqueirão dos Ferreiros. Parecia um acompanhamento!
Os dezeseis homens perguntavam:—Quem vem lá?
A senha ajustada era—camara municipal, - 24 de julho.
Acto continuo accenderam archotes, e principiaram a calçar a valleta na testada das differentes propriedades marginaes, que tomaram a posse publica.
De madrugada, appareceu no logar o engenheiro encarregado dos trabalhos, José Victorino Damasio, que mandou descançar os seus homens, os famosos dezeseis da ronda da noite, commandados pelo cabo José Rodrigues, homem deliberado e prudente, mais tarde um dos guardas do Instituto e Commercial de Lisboa.
José Victorino, que morava defronte do Instituto, não havia dormido toda a noite, e nem sequer se havia deitado.
As janellas da sua casa eram superiores ao edificio do Instituto, e elle levára a noite toda de atalaia, na sacada, á coca do que se passaria.
Vinha, como diz o povo, a modo de *esgaseado*, vestido meio á paizana, meio á militar (era major de artilheria), e com a falla a tardar-lhe um pouco, como sempre lhe acontecia em estando commovido ou exaltado. Quando o sol dourou o rio com os seus raios, José Victorino Damasio, contente e grave no meio dos trabalhadores, sorria triumphante. Assim principiou o aterro!
Teve verdadeira lucta a sustentar, e aguentou-a com a intrepidez do heroe, esse José Victorino! Choviam-lhe embargos de todos os lados por parte dos proprietarios; e elle, a cada intimação que recebia, ia mettendo mais homens.
De uma occasião, porque os escrivães e os beleguins houvessem já descorçoado completamente da esperança de lhe tolherem a acção, foi um juiz em pessoa intimal-o. José Victorino disse-lhe:
—Quando um militar recebe ordem de marcha, vae marchando sem querer saber de mais nada Eu sou engenheiro e sou militar; o governo mandou-me fazer estes trabalhos, e emquanto elle me não mandar parar, iremos para deante.
—Mas, eu sou o juiz!
—Estimo muito. Faça favor de se entender com o governo. Eu estou aqui a cumprir as ordens d'elle.
E, indo para o aterro, dia por dia, ao alvorecer, e retirando-se á meia noite, rouco de gritar com os fragateiros até conseguir que gritassem menos do que elle, José Victorino Damasio foi, segundo a sua theoria, não só bom engenheiro, mas bom militar, *marchando sempre!*
O que não impediu que maior marcha ainda de representações e contra representações rompessem a toda a hora com respeito a essa historia.

Invocava-se o direito da propriedade, offendido, sem se procurar, sequer, meios alguns de conciliação: invocavam-se as solemnes estipulações de contractos, de aforamentos; já cada qual requeria, para, á sua custa, fazer os aterros necessarios, uma vez que se allegava haver o receio bem fundado de que, dos lôdos permanentes na margem do Tejo, surgissem miasmas perigosos para a salubridade da capital.
E logo tambem accudiam correspondencias e allegações de alguns proprietarios de estaleiros confinantes com a margem do rio, fazendo valer o seu direito á prompta e immediata communicação com o Tejo; ao passo que outros apontavam o estado lastimoso d'aquellas margens no sitio da Boa Vista, couto de contrabando quasi inaccessivel a toda a fiscalisação, e a que a obra d'aquelle importante aterro era o unico salvaterio, não só por ser um dos sitios mais immundos de toda a margem norte do rio, mas por carecer de prompto e largo melhoramento contra as difficuldades que oppunha a communicação com o Tejo e pela protecção que dava áquelles heroes para quem as civilidades da imprensa inventaram a classificação delicada de maviosas expressões que evitassem chamar-se-lhes, como d'antes e desafogadamente, ladravases!
Levantava-se, cada dia, por mil modos diversos, alguma questão nova, caminhando-se de letigio em letigio.
Guerra pequenina, mas ateiadissima guerra, atroz e da peior especie, isto é, na luz e á sombra; *sedens et agens!*
Homem de applicação, José Victorino dispensava-se de querer agradar. Era um austero, um antigo, um primitivo, mas tambem, um pouco, um original. Não passava recibos. Fazia em bocadinhos de papel, em folhasitas de carteira, em qualquer papelinho que tivesse á mão, as requisições, ao ministerio das obras publicas, do dinheiro que precisava.
Não permittia que não se depositasse n'elle a confiança mais absoluta, e era illimitada tambem a que elle proprio tinha em qualquer pessoa, verdadeira fé antiga!
De uma irascibilidade subitanea, só aos seus melindres poderiam igualar as vehemencias de sua indignação. Era um *bourru!*
Prestava-se á caricatura aquella sobranceria e isenção de temperamento, como se presta tudo quanto é vivamente caracteristico. Principiou então o gracejo de chamar *victorinaceos* aos homens de confiança do governo, a quem se incumbisse o prompto desempenho de commissões. *Victorinaceos*,—de Victorino...
Foi, em todo o caso, o homem de uma epoca!
Intelligente, instruido, trabalhador, verdadeiro homem de alma, mas irascivel e intolerante, valeu-lhe tudo isso o numero de antipathias e malquerenças sufficientes para o desgostarem do mundo e acirrarem contra elle os mandriões despeitados, maioria temivel e formidanda; mas deve-se-lhe o Aterro da Boa Vista, e o fragateiro tem rasão em se recordar d'elle...

JULIO CESAR MACHADO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Gira, incommóda e dá passagem—2—1.
Está no corpo, é appellido e refresca—2—2.

Porto. A. F. S. BRANDÃO.

Vi este orgão n'este fructo—1—1.
No navio, isolado e triste, é atrevido—1—1—1.
Precisa-se e sente-se este homem—1—2.

Porto. TACOS.

Em seguida este maniaco é evangelisador—2—2.
No principio este volume é invisivel—1—2.

Mathosinhos. TEIXEIRA BRITO.

LOGOGRIPHOS

(*Por lettras*)

(Offerecido a Alfredo Martins Pereira)

Canta Homero, n'um poema—6, 4, 4, 6, 1, 7, 5
A mulher que tanto amava.—1, 7, 3, 4, 6, 4
Lá em Roma o magistrado—3, 2, 6, 4
Com rigor esta applicava—4, 8, 6,

O heroe tendo um combate—4, 6, 2, 8
Na pequena povoação,—1, 4, 7, 3, 6, 5
Morreria, se a fileira—1, 4, 5
Não vae logo em protecção—6, 2, 5.

Ao receber a missiva,
Que um gallego me trazia,
Trinta planos eu fazia
P'ra saber quem a mandava;
Vou abrir, e vejo logo
Verde papel perfumado!
—Assim me foi indicado
Ser d'aquella a quem amava...

AUGUSTO CARLOS BAPTISTA.

Pode ser linda ou ser feia,
Fazer-nos endoidecer;—1 e 3
Pode ser feia ou ser linda,
D'amor fazer-nos morrer.—4 e 2

Dá-nos socego no mundo,—1 e 2
Dá-nos descanso tambem.—2 e 1
Anda por mim quem das coisas
No exterior se detém.—3 e 2

Não julgues o logogripho
Difficil nem intrincado;
Dá-te certa companhia
O meu todo decifrado.

FOCA PEQUENA.

Este rio—3-4—2—5
E' negro—4—2-3—5
E illimitado—5-2—4—1.

Como este vulcão.

ARNALDO DE VIENNA.

PERGUNTA ENIGMATICA

(A João V. de Freitas)

Qual é a palavra que é instrumento e peixe e que se encontra na igreja, no navio e no cavallo?

Ponta do Sal. MAF.

— — — — Na America
— — — — examino
— — — — esta capital
— — — — conforme á rasão.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: —Lagôa—Cacella Sariga—Piolho—Camarão—Unhagata—Custodio—Protocolo.
DA CHARADA:—EM LOSANGO:

p r a t o
r a t a r
a t i l a
t a l u d
o r a d o

DO ENIGMA:—A poesia é a musica da alma.

A RIR

Pancracio entra com uma bomba em casa de seu amigo Felisberto.

—Ah! meu amigo! diz-lhe elle. Estou desesperado! Minha mulher vae dar-me um outro herdeiro!... o sexto, em seis annos! E' para fazer perder a cabeça!

—Socega, homem; responde o outro. O caso não é desesperado. Minha mulher tinha as mesmas propensões, mas um especialista arranjou-me uma droga magica para obstar a este inconveniente. Olha, vens em boa occasião. Ella foi viajar, e não precisa agora do especifico. Vou-te dar o frasco; está alli n'aquella gaveta...

Felisberto abre a gaveta e diz, no tom mais natural do mundo:
—Demonio! Levou-a comsigo...

*

Dois hespanhoes viajavam em caminho de ferro, e matavam os ocios da viagem, contando-se reciprocamente as proezas dos seus cães, animaes notabilissimos, debaixo de todos os pontos de vista: bons caçadores, excellentes guardas, mais intelligentes que certos homens.

—Eu tive um cão,— disse um d'elles,— que se chamava *Ali*. Um dia, uns garotos agarraram-n'o e ataram-lhe uma panella ao rabo. O que imagina o amigo que elle fez?

—Deitou a correr.

—Não senhor. Envergonhado d'aquelle ultrage, cortou o rabo... por amor proprio.

—Com effeito! Era susceptivel o animal! Pois eu tive um, chamado *Turco*, que ainda fez mais.

—Devéras?

—Tambem um dia lhe ataram uma frigideira á cauda. E sabe o que elle fez? Deixou-se fritar n'ella, porque... tinha fome.

UM DOMINÓ.

*

O ex.^mo sr. Frederico Pinto Pereira de Vasconcellos enviou-nos a seguinte resolução exacta do problema proposto no nosso 2.º numero.

E' a seguinte:

Junte-se uma unidade a cada algarismo do numero dado 62346. (Se o primeiro algarismo da esquerda fôr menor que o numero dos algarismos restantes, não se ajunte a elle a unidade.) Divida-se o numero 73457 assim formado, pelo numero dos algarismos do numero dado; e do quociante 14691 separem-se para a esquerda tantos algarismos quantas as unidades do resto, *dois*; o primeiro algarismo que fica, *seis*, é o algarismo procurado.

*

A solução do problema do 1.º numero é do ex.^mo sr. Moraes d'Almeida. O autor enviou-nos outra, que tambem está exacta.

*

A decifração da charada do sr. G. Caetano, que sahio no n.º 49, é *Scolopendra* e não *Escolopendra*, como por engano se disse.

UM CONSELHO POR SEMANA

PAPEL PARA APANHAR MOSCAS

Derretem-se ao fogo, n'um tacho, duas onças de pez de Borgonha, juntando-lhe depois meia onça de azeite doce; tira-se do fogo e lava-se com agua fria até desapparecer a côr pardusca da mistura; torna-se a levar ao fogo lento e deita-se-lhe uma onça de mel, misturando-a perfeitamente, e depois, com uma espatula, estende-se sobre bocados de papel bem grosso e consistente, que se collocam nas habitações e surtem o effeito de prender as moscas.

O ULTIMO RECURSO

A Grecia tinha chegado ao apogeu da sua gloria e esplendor artistico. Praxiteles assombrava os gregos com a sua incomparavel Venus de Gnido, Apelles deslumbrava-os com as suas télas extraordinarias. Mas, ao passo que as artes attingiam a mais completa florescencia, ainda não egualada nem excedida, a licença dos costumes enervava os homens e desmoralisava a sociedade.

Athenas tornara-se uma Academia e um prostibulo.

No seio, porém, d'este atrophiamento dos bons costumes, o povo, os honestos e os sérios magistrados e legisladores, pousavam olhos deslumbrados na primeira cortezã grega, a mais formosa, a mais elegante, a mais bella das mulheres dos tempos antigos e modernos.

Essa mulher chamava-se Phryné.

A natureza tinha esgotado todos os seus recursos na construcção d'aquella obra prima da plastica humana, e os athenienses adoravam n'ella a synthese mais completa da belleza feminina.

Quando nas festas de Neptuno e Venus, ella, no atrio do grande templo, caminhava até ao mar, apenas coberta pelos seus longos cabellos, a multidão, completamente fascinada por aquella formosura sem rival, applaudia-a com enthusiasmo, julgando-a uma deusa.

A sua fama correu a Grecia inteira, e principes poderosos e Cresus omnipotentes vieram a Athenas admirar a celebre cortezã.

Um homem desvairado pela extrema formosura d'aquella mulher incomparavel, apaixonou-se d'ella, e declarou-lhe o seu amor indomito, violento, ardente como a impressão que a todos causava tão maravilhosa belleza.

Esse homem chamava-se Euthyas.

Phryné recusou, com um bello desdem, o amor do misero apaixonado, e seguiu ovante na sua carreira de prodigalidades e seducções.

Euthyas, despeitado, e não podendo ser superior áquelle sentimento que o dominava, jurou perder a amante ideal. Apresentou-se no tribunal dos *Heliastes* e accusou-a de ter profanado os mysterios de Eleusis, o que implicava um crime tremendo.

PASSATEMPO INNOCENTE

Phryné, bella como os anjos, tentadora como um sonho de ouro, replecta da adoração dos homens e da inveja das mulheres, compareceu ante o terrivel tribunal.

Receiosa da morte, triste pela lembrança de ter de abandonar em plena juventude, no periodo mais radiante da sua belleza e do seu imperio, aquella encantadora existencia tapetada de ouro e de rosas, aureolada de prazeres e seducções, de aventuras e conquistas, o seu olhar, calmo e sereno como a superficie do mar Egeo, marejado de lagrimas a orvalharem-lhe a face assetinada e polida, volveu-se para o advogado Hiperides, que em tempo fôra seu amante, e supplicou-lhe, ajoelhando-lhe aos pés, que tomasse a sua defeza.

Sérios e graves, os juizes de longa barba e olhar sereno, rodeiavam a cortezã, de pé, no meio do semi-circulo, chorando a sua desdita e a sua fatalidade.

Hiperides sentiu acordar n'alma o fogo da paixão que julgava extincta; animou-o a recordação d'aquella existencia de outr'ora, deslisada nos niveos braços da mais formosa das gregas, grandiosa pela sua extrema belleza, servindo de modelo a Praxiteles e a Apelles, e agora ali chorosa e submissa perante aquelle impiedoso tribunal.

A' sua alma de homem talentoso e inspirado acudiam todas as recordações inolvidaveis do amor da bella creatura, e ella fitava-o com a pupilla apaixonada e terna, como que a prometter-lhe toda a encantadora existencia que só elle lhe podia salvar.

Hiperides, sereno e altivo na sua missão, ergueu a voz, e toda aquella eloquencia grega, que ainda hoje é o pasmo e a admiração dos oradores modernos, aquella eloquencia que teve por extremo cultivador o grande Demosthenes, trovejou como os raios flammejantes do Olympo na vasta e marmorea sala da justiça.

Hiperides fulminou o vil accusador de Phryné; arrastou-o pela lama da sociedade como o ultimo dos infames; appellidou-o de diffamador mesquinho; foi da colera até ás lagrimas, das apostrophes á supplica, da indignação á piedade; a sua voz parecia vibrar todas as cordas da alma; as lagrimas orvalhavam-lhe a face; mas os juizes, impassiveis e inclementes, interromperam-n'o para proferir a terrivel sentença.

Então, o fogoso orador, n'um impeto de suprema inspiração, aproximou-se de Phryné, e com um d'aquelles gestos tragicos e arrebatadores, que dominam sempre, arrancou-lhe a tunica e expoz aos olhares do tribunal a incomparavel belleza da sua cliente, pedindo para ella a defferencia devida á suprema formosura que a Grecia até ali jámais tinha deixado de acatar.

O tribunal sentiu-se dominado por aquella verdadeira esculptura humana, e o sentimento do bello, sempre respeitado pelo genio artistico dos gregos, salvou a vida á encantadora cortezã.

Phryné agradeceu ao seu salvador, votando-lhe um amor apaixonado e sincero, que o encheu de orgulho e lhe pagou largamente a defesa.

O recurso original de Hiperides ficou celebre na historia do fôro grego, e todos os paizes o conheceram depois, mas não consta que elle se repetisse, apezar de algumas vezes terem comparecido perante os tribunaes mulheres extremamente bellas.

E' que a belleza de Phryné fôra um elegante capricho da natureza, capricho tão bello, tão perfeito, tão grandiosamente sublime, que ella o não julgou de possivel reproducção.

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA